Sábado, 21 de Novembro de 2026

Lula critica ação dos EUA na Venezuela e diz que “este hemisfério pertence a todos nós”

NO NEW YORK TIMES

g1

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmou que a ação dos Estados Unidos na Venezuela e a prisão do presidente venezuelano Nicolás Maduro, em 3 de janeiro, representam “mais um capítulo lamentável na erosão contínua do direito internacional e da ordem multilateral estabelecida após a Segunda Guerra Mundial”.

Em artigo publicado neste domingo (18) ao jornal americano New York Times, Lula alertou que o uso recorrente da força por grandes potências enfraquece a autoridade da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Conselho de Segurança.

Na opinião do presidente, “quando o uso da força para resolver disputas deixa de ser exceção e passa a ser regra, a paz, a segurança e a estabilidade globais ficam ameaçadas”.

Lula argumentou que o respeito seletivo às normas internacionais leva à desordem e fragiliza tanto os Estados individualmente quanto o sistema internacional como um todo.

“Sem regras acordadas coletivamente, é impossível construir sociedades livres, inclusivas e democráticas”, escreveu.

Para ele, ações unilaterais “ameaçam a estabilidade ao redor do mundo, interrompem o comércio e os investimentos, aumentam o fluxo de refugiados e enfraquecem ainda mais a capacidade dos Estados de enfrentar o crime organizado e outros desafios transnacionais”.

O presidente disse ser “particularmente preocupante” que esse tipo de prática esteja sendo aplicado à América Latina e ao Caribe, regiões que, segundo ele, buscam a paz por meio da igualdade soberana entre as nações, da rejeição ao uso da força e da defesa da autodeterminação dos povos.

Lula ressaltou que esta é a primeira vez, em mais de 200 anos de história independente, que a América do Sul sofre um ataque militar direto dos Estados Unidos.

“A América Latina e o Caribe abrigam mais de 660 milhões de pessoas. Temos nossos próprios interesses e sonhos a defender”, afirmou. Em um mundo multipolar, segundo Lula, nenhum país deveria ter suas relações exteriores questionadas por buscar universalidade. “Não seremos submissos a projetos hegemônicos.”

No artigo, o presidente também defendeu uma agenda regional positiva, capaz de superar diferenças ideológicas em favor de resultados pragmáticos, com foco em investimentos em infraestrutura física e digital, geração de empregos, aumento da renda e ampliação do comércio.

Ele também destacou a importância da cooperação no combate à fome, à pobreza, ao tráfico de drogas e às mudanças climáticas.

Lula afirmou que “a história mostrou que o uso da força nunca nos aproximará desses objetivos” e classificou como ultrapassadas e prejudiciais a divisão do mundo em zonas de influência e as incursões neocoloniais em busca de recursos estratégicos.

O presidente brasileiro declarou ainda que o futuro da Venezuela “deve permanecer nas mãos de seu povo” e que apenas um processo político inclusivo, liderado por venezuelanos, pode levar a um futuro democrático e sustentável.

Segundo ele, essa é uma condição essencial para que milhões de venezuelanos — muitos deles atualmente acolhidos no Brasil — possam retornar com segurança ao país.

Ao final do artigo, Lula disse que o governo brasileiro mantém diálogo construtivo com os Estados Unidos e destacou que Brasil e EUA são as duas democracias mais populosas do continente americano.

“Somente juntos podemos superar os desafios que afligem um hemisfério que pertence a todos nós”, concluiu.

Lula discutiu sobre EUA e Venezuela com líderes

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem intensificado críticas à ofensiva dos Estados Unidos na Venezuela, que resultou na prisão de Nicolás Maduro, classificandoa ação como uma violação grave do direito internacional e da soberania venezuelana.

Após a operação, Lula manteve conversas telefônicas com os presidentes da Colômbia, Gustavo Petro, do México, Claudia Sheinbaum, e com o primeiro-ministro do Canadá, Mark Carney.

Nas conversas, os líderes disseram que a situação da Venezuela deve ser resolvida sem violência, por meio de diálogo e negociação, e com decisões tomadas pelos próprios venezuelanos.

Em conversa com Petro, Lula rejeitou a legitimidade da ação do governo Donald Trump e manifestou preocupação com o uso da força contra um país sul-americano.

Com Canadá e México, Lula reforçou a defesa de um processo de transição pacífico e liderado pelos próprios venezuelanos, além da rejeição à lógica de “zonas de influência” na região. Os líderes também reafirmaram apoio ao multilateralismo, ao direito internacional e à soberania dos Estados.

O governo brasileiro também adotou medidas práticas diante da crise, como o reforço da fiscalização militar na fronteira com a Venezuela e o envio de ajuda humanitária, incluindo medicamentos e insumos médicos.

O Brasil defende que o caso seja discutido em fóruns multilaterais, como a ONU e a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), bloco político que reúne os 33 países da América Latina e Caribe, exceto EUA e Canadá.

Quaest: maioria critica reação de Lula

A pesquisa Quaest divulgada na última quinta-feira (15) mostrou que 51% dos brasileiros consideram errada a condenação de Lula à ação dos EUA.

O levantamento foi encomendado pela Genial Investimentos e ouviu 2.004 pessoas com 16 anos ou mais entre os dias 8 e 11 de janeiro. A margem de erro é de dois pontos para mais ou para menos, e o nível de confiança é de 95%.

O instituto também questionou como deveria ser a reação do governo Lula.

Em outra pergunta, 66% consideram que o governo brasileiro deveria se manter neutro no assunto, sem apoiar nem se opor à decisão de Donald Trump.

Prisão de Maduro

Nicolás Maduro foi deposto pelo governo Trump no dia 3 de janeiro. Ele foi preso por militares e levado aos EUA, onde deve ser julgado sob a acusação de ligação com o narcotráfico.

Quem governa agora a Venezuela é a vice de Maduro, Delcy Rodríguez, que negociou com os americanos a abertura do mercado de petróleo da Venezuela a empresas dos EUA, sob pressão de Trump. O país tem as maiores reservas de petróleo do mundo.

A permanência da estrutura do regime chavista mesmo com a deposição de Maduro frustrou as expectativas da oposição venezuelana. De início, Trump descartou que a líder opositora Maria Corina Machado, ganhadora do Nobel da Paz de 2025, possa assumir o poder.



Lula durante conversa com jornalistas em Brasília | Foto: Adriano Machado/Reuters